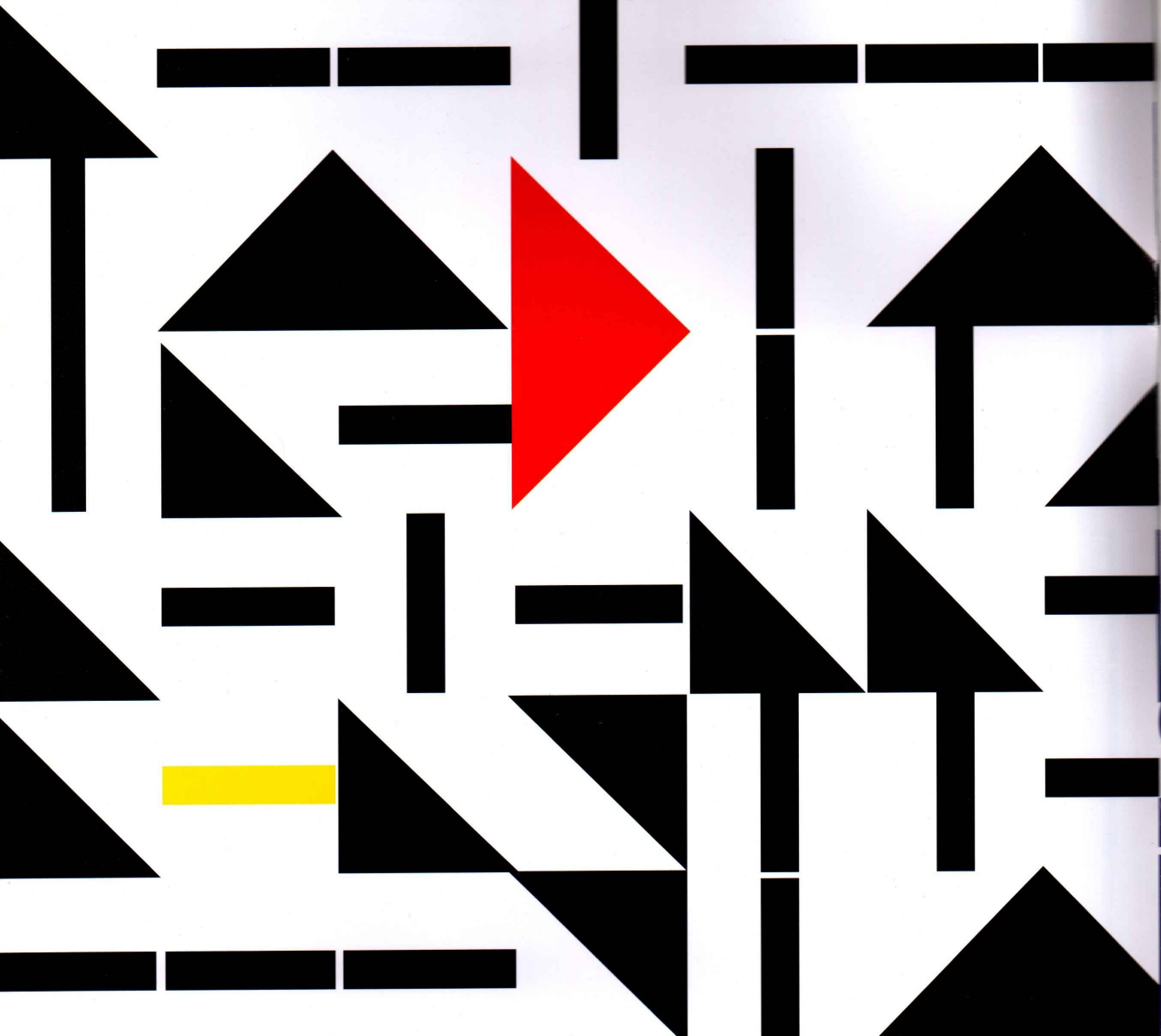


Brasília

Patrimônio
Cultural
da
Humanidade





Apresentação

Brasília, no dizer de seu criador, já é histórica de nascença, e demanda atenção e mobilização da comunidade para sua continuidade como herança cultural de dimensão universal. Mas como defendê-la sem o pleno conhecimento do significado de sua concepção urbanística, arquitetônica e paisagística?

Importa, pois, imprimir na consciência dos cidadãos, como algo insubstituível para a perenidade dos valores que enquadram a qualidade de suas vidas, a importância do fato histórico, social, ambiental e estético que é a Capital do Brasil.

Mário de Andrade certa vez disse que “defender o nosso patrimônio histórico e artístico é alfabetização”. Essa afirmação expõe a cultura como um processo, uma necessidade imprescindível de toda a vida. Na construção de nossa identidade cidadã

há um constante movimento de alfabetização cultural, somos eternos aprendizes.

É com esse espírito que apresento **Brasília, Patrimônio Cultural da Humanidade**, publicação que resume os fatos históricos que precederam a gestação da cidade, seu projeto revolucionário, sua construção, seus personagens e sua inscrição na lista do Patrimônio Mundial.

Dedico-a, com carinho, às crianças e aos jovens do Distrito Federal.

Rodrigo Rollemberg
Deputado Federal PSB

Brasília,

Somos feitos da matéria dos sonhos
William Shakespeare



cidade sonhada



Marques de Pombal

A história de Brasília foi construída por **grandes sonhadores**.

Homens e mulheres que vislumbraram um Brasil próspero e unido, de ponta a ponta, antes mesmo que nos tornássemos uma Nação independente.

É atribuída ao Marquês de Pombal a ideia mais antiga de transferir a Capital para o interior.

Os Inconfidentes Mineiros

também defenderam a interiorização do centro do poder. Naquele tempo, as cidades eram erguidas ao longo do litoral ou, no máximo, a duzentos quilômetros dele. Nas palavras do historiador Frei Vicente do Salvador, vivíamos “arranhando a areia da praia, como caranguejos”.

Muitos compartilharam a ideia lançada por Pombal e pelos Inconfidentes: Hipólito José da Costa, redator do Correio Braziliense; José Bonifácio, o Patriarca da Independência (que sugeriu, em 1823, o nome de **Brasília** para a nova Capital);

Francisco Antônio Varnhagen (Visconde de Porto Seguro); o famoso pintor Pedro Américo e outros tantos, conhecidos ou anônimos, que trabalharam por um País, desbravado, desenvolvido e senhor de suas fronteiras.

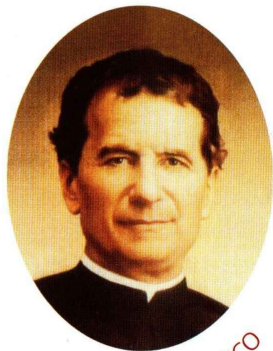


José Bonifácio



Tiradentes

E, a milhares de quilômetros do Brasil, a profecia...



Dom Bosco

Havia na Itália um padre que tinha visões proféticas, verdadeiras antecipações do que ia acontecer no futuro. No dia 30 de agosto de 1883, Dom Bosco vivenciou mais um sonho-revelação e, segundo suas palavras, foi levado pelos anjos para um país de selvas amazônicas, rios caudalosos e minas de metais preciosos, no qual, entre os paralelos 15° e 20° - onde está localizada Brasília - viu surgir a "Grande Civilização, a Terra Prometida, onde correrá leite e mel". Dom Bosco foi canonizado e hoje é um dos santos padroeiros de nossa cidade.

A proclamação da República reavivou as esperanças dos que defendiam a causa da integração nacional. A Constituição Brasileira de 1891, em seu artigo 3º, reservava para a União uma área de 14.400 quilômetros quadrados no Planalto Central para o estabelecimento da futura Capital Federal.

Missão Cruls



Para o local escolhido, coincidentemente o mesmo da profecia de Dom Bosco, partiu em 1892 a Comissão Exploradora do Planalto Central, também conhecida como **Missão Cruls**, chefiada por Luiz Cruls, chefe do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro. A Missão demarcou o quadrilátero estipulado na Constituição e fez o

levantamento de sua fauna, flora, topografia, clima e geologia. Foi feito também o mapeamento dos rios e das cidades de Pirenópolis, Catalão, Santa Luzia (hoje, Luziânia), Vila Formosa de Imperatriz (hoje, Formosa), Goiás e Mestre d'Armas.



Luiz Cruls



No relatório apresentado por Luiz Cruls foi revelada uma região de

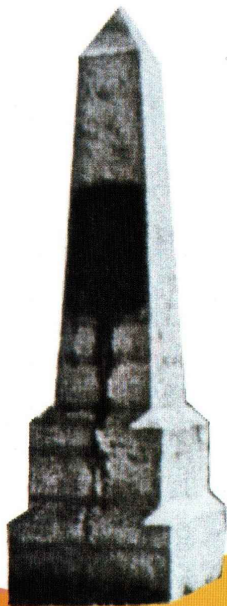
incrível beleza panorâmica, de ótimo clima e de fauna e flora exuberantes,

ou seja, de condições mais que propícias para a implantação do novo centro do poder nacional.



Faltava pouco para o sonho se tornar realidade...

Pedra fundamental



O entusiasmo durou pouco e o assunto só voltou à tona em 1919, com um projeto de lei para o lançamento da pedra fundamental da futura capital. No dia 7 de setembro de 1922, por determinação do Presidente Epitácio Pessoa, foi lançada a pedra fundamental na cidade de Planaltina.

A questão da transferência da sede do governo continuou a ser tratada, com maior ou menor intensidade, ao longo dos vinte e poucos anos que se sucederam ao lançamento da pedra fundamental. À Constituição de 1891 seguiram-se outras três (as de 1934, 1937 e 1946) para que então fosse criada a Comissão de Estudos para a Localização da Nova Capital, presidida



Epitácio Pessoa

pelo general Djalma Poli Coelho. Pouco depois, em 1953 foi sancionada uma lei que estipulava um prazo de três anos para a definição do lugar da nova Capital.

Para fazer os estudos que serviriam de base para a escolha do local foi contratada uma empresa norte-americana, a Donald J. Belcher, que ao cabo de dez meses apresentou o produto de seu trabalho, conhecido como Relatório Belcher, do qual constava a indicação de cinco possíveis sítios para a instalação da Capital, diferenciados por cores nos mapas (sítios vermelho, azul, amarelo, verde e castanho). O vencedor foi o **Sítio Castanho**, onde seria erguido o Plano Piloto.

Num dia chuvoso de abril de 1955, o candidato à Presidência da República, Juscelino Kubitschek, chegou a **Jataí**, cidade do interior de Goiás, para fazer o primeiro comício de sua campanha. Durante o discurso prometeu cumprir à risca a Constituição Federal. Foi então que Antônio Soares Neto, conhecido como Toniquinho, perguntou a JK se

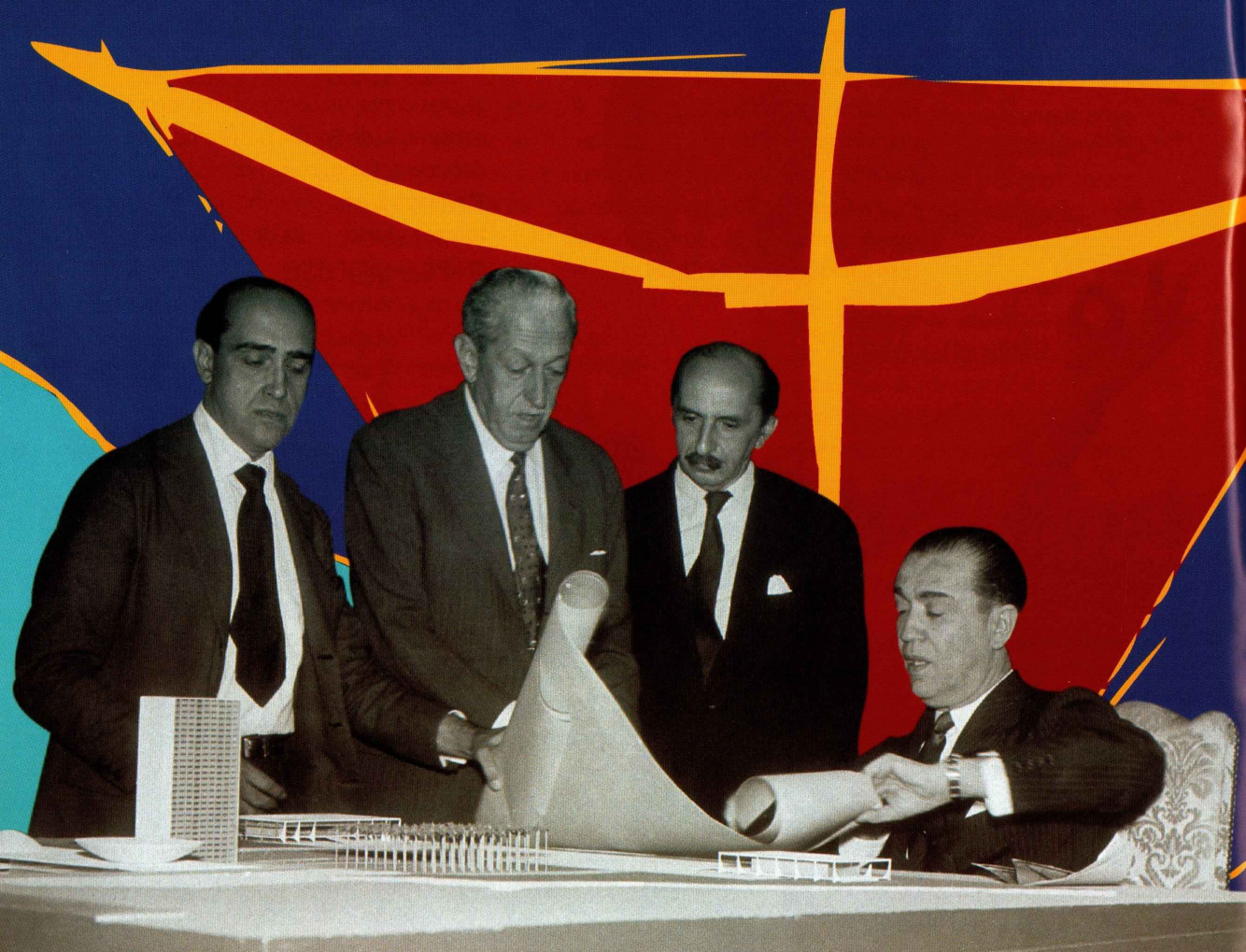
ele faria a mudança da Capital para o Planalto Central, conforme estava previsto na Constituição. Surpreso com a pergunta, Juscelino prometeu que transferiria a Capital, caso fosse eleito.

Já presidente, JK contou que a ideia da construção de Brasília nasceu no dia daquele comício, com a pergunta de Toniquinho, e foi crescendo até se tornar a grande meta de seu governo, a **meta-síntese**.



Juscelino Kubitschek

Um time de primeira linha...



Logo depois de tomar posse, em 1956, JK tomou uma série de providências para viabilizar sua meta-síntese. O primeiro passo foi a elaboração de um projeto de lei dispondo sobre a mudança da sede do governo e criando a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, a Novacap, empresa responsável pela construção de Brasília.

Para presidir a Novacap, Juscelino Kubitschek convidou o Deputado Federal **Israel Pinheiro**, conhecido por sua dedicação e firmeza de propósitos. Para a diretoria foram convocados **Oscar Niemeyer, Bernardo Sayão, Ernesto Silva**, entre outros.

No mesmo ano é divulgado o edital do Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil. O projeto vencedor, de autoria do arquiteto e urbanista **Lucio Costa**, foi apresentado de forma bastante simples, com alguns esboços e um memorial, mas era o único que apresentava uma concepção de cidade com atributos de capital, diferente de tudo o que se fizera e se vira em matéria de urbanismo até então.

Lucio Costa evoca a cruz, como símbolo de conquista, depois adapta-a à topografia local e ao escoamento das águas, arqueando o eixo norte-sul. Fica assim definido o desenho do Plano Piloto, que lembra a forma de um pássaro.

Foram aplicados, na proposta, princípios de setorização urbana (separação de atividades por setores) e uma técnica rodoviária que abolia cruzamentos (as nossas conhecidas "tesourinhas"). Criaram-se grandes troncos de circulação: o eixo monumental (que vai de leste a oeste) e o rodoviário-residencial (norte – sul), este último cortado transversalmente pelas vias locais.



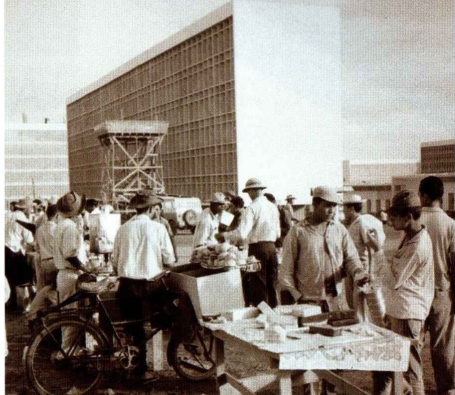
“Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz”...

A construção do sonho

Ainda em 1956 começaram a vir levas de pessoas provenientes de todos os cantos do Brasil para o Planalto Central, em busca de trabalho e de uma vida melhor. Esses pioneiros receberam o apelido de **candangos**, um termo que depois passou a designar o próprio brasileiro. Juscelino chamou esses homens corajosos de

“bandeirantes do século XX”.

Catetinho




Foram erguidos a sede da Novacap e um núcleo urbano para dar suporte aos trabalhadores, que recebeu inicialmente o nome de Cidade Livre e depois de Núcleo Bandeirante. Como deveria ser uma cidade provisória, sua arquitetura era de madeira, assim como a de outros acampamentos que vieram em seguida. Construiu-se um palácio, também em madeira, para que JK pudesse despachar quando estivesse em Brasília: o Catetinho.



Cidade Livre

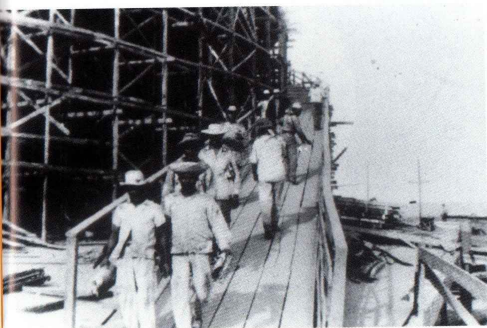




A construção de Brasília foi comparada a uma **epopeia** (os gregos antigos chamavam de epopeia a um poema de longo fôlego sobre um assunto grandioso e heróico). E realmente o foi, pois ao cabo de três anos e dez meses, graças à obstinação e à força de milhares de heróis anônimos, estava pronta para ser inaugurada aquela que André Malraux, Ministro da Cultura da França, chamaria de

“Capital da Esperança”.

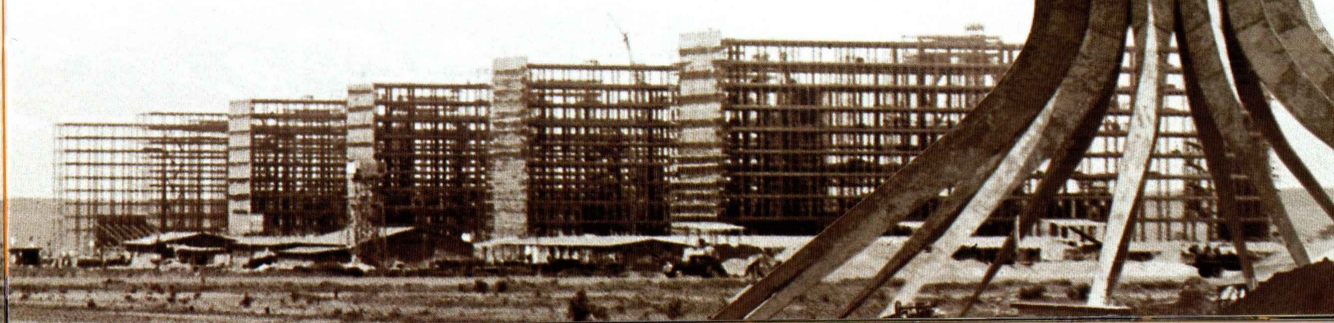
"Alguns contra, muitos a favor, todos beneficiados"




Nesse período houve uma campanha contra a transferência da Capital. O mais ardoroso adversário de JK e sua empreitada foi o político Carlos Lacerda. Mas o movimento por ele liderado não prosperou, pois era infinitamente maior o número de defensores de Brasília.

Juscelino almejava conquistar, com a construção da Capital no coração do País, o desenvolvimento do interior e a integração nacional. Não foi à toa que o lema de sua campanha foi fazer o Brasil crescer

"50 anos em 5"





O poeta e escritor Paulo Mendes Campos, que aqui esteve no dia

21 de abril de 1960,

assim descreveu o que viu:

"(...) Quando acordamos na manhã seguinte, já éramos capital; e então tomamos cerveja com pão, não tendo encontrado café, e nos dirigimos apressados à Praça dos Três Poderes

(...). E era sobretudo grato ver que o policiamento não se fazia sentir, não se empurrava nem se barrava ninguém, e os candangos subiam e desciam as rampas das duas belas casas de representantes do povo (Deus o permita!)."

A inauguração de Brasília foi um acontecimento que marcou a História do Brasil e dela vieram participar milhares de pessoas: brasileiros, estrangeiros, autoridades, intelectuais, artistas...

E assim nasceu Brasília, ícone de uma época de otimismo, expressão de um Brasil bem-humorado. Tempo da indústria automobilística, das grandes barragens, da construção naval, da siderurgia, do petróleo e das autoestradas. Tempo das pernas tortas de Garrincha e da genialidade de Pelé, Didi e Nilton Santos, que haviam trazido a primeira Copa do Mundo. Tempo da Bossa Nova e do Cinema Novo. Tempo dos astronautas...



Para JK o Brasil só se tornou adulto depois

Desde então, muitos visitantes
têm deixado o registro de seu
encantamento diante de tão
surpreendente obra:

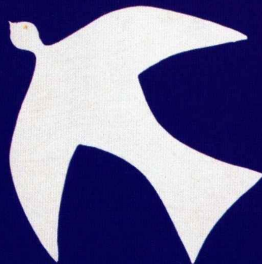
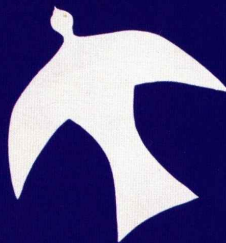
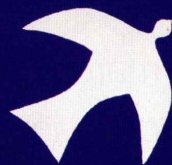
“No Bulevar dos Ventos
Em Brasília quero morar.
Aérea, clara Brasília
Levitando, levitando
Nos pilotis do poema.

Brasília acima do mar
Palafita experimental
Sem dismantelo de
tráfego

Com ruas para
pedestres
Metrô para
lotações...”

Homero
Homem,
poeta

“Eis casas-grandes de engenho,
horizontais, escancaradas,
onde se existe em extensão
e a alma todoaberta se espraia...”
João Cabral de Melo Neto,
poeta



da construção de Brasília



"Nunca te vi de perto; agora vejo e sinto e apalpo todo o meu desejo é que sejas em tudo uma cidade completa, firme, aberta à humanidade e tão naturalmente capital..."

Carlos Drummond de Andrade, poeta

"As colunas do Palácio da Alvorada constituem o elemento arquitetural mais importante depois das colunas gregas".

André Malraux,
Ministro da Cultura da França

"parece que estou pisando no solo de um outro planeta..."

Yuri Gagarin
astronauta russo

Brasília, patrimônio cultural da humanidade

Brasília, além de ser um marco na história nacional, foi o primeiro núcleo urbano construído no século XX considerado digno de ser incluído na lista dos bens de valor universal pelo Comitê do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (a sigla vem do nome da organização em inglês). Isso ocorreu mediante decisão da referida entidade internacional em dezembro de 1987. Nossa Capital passou a ser considerada Patrimônio Cultural da Humanidade e assumiu o mesmo grau de importância de cidades como Florença, Veneza, Roma, Segóvia, Toledo, Paris, Santiago de Compostela, Cuzco, Olinda, Ouro Preto e Goiás, também protegidas como herança mundial.

O coroamento dos aspectos singulares da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo de nossa cidade, na ocasião já reconhecidos e protegidos por todos os países do Planeta, deu-se com o tombamento federal, efetivado em 14 de março de 1990.

Tombamento?

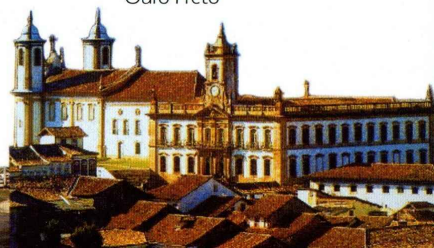
Essa palavra tem origem muito antiga e se refere à Torre do Tombo, em Portugal, onde estão guardados livros e documentos antigos. O tombamento é o reconhecimento oficial do valor histórico, artístico, paisagístico, ecológico, turístico, cultural ou científico de um bem, que pode ser um edifício, uma obra de arte, uma paisagem, um núcleo urbano, um sítio arqueológico, um ecossistema, uma tecnologia tradicional ou uma manifestação cultural.



Paris



Veneza



Ouro Preto

Goiás



A escolha de Brasília deveu-se às particularidades e aos valores de seu plano urbanístico, concebido por Lucio Costa com base nos conceitos de urbanismo moderno, difundidos pelo arquiteto franco-suíço Le Corbusier, bem como aos monumentos projetados por Oscar Niemeyer, hoje considerado um dos maiores arquitetos de todos os tempos.

A titulação de nossa cidade como Patrimônio Mundial fundamentou-se nas suas quatro escalas estruturadoras: a monumental, a residencial, a gregária e a bucólica, que garantem um alto padrão de qualidade de vida para a atual e para as futuras gerações.

Escala ?

Escala é um termo bastante usado na linguagem dos arquitetos e urbanistas para indicar dimensão, tanto no sentido literal quanto no sentido figurado. Podemos dizer que um projeto foi elaborado em escala 1:20 (ou seja, vinte vezes menor do que o tamanho real do objeto), assim como podemos afirmar que um edifício se adequa à escala humana (uma construção de proporções aprazíveis para a utilização pelo homem).

O Plano Piloto não é apenas um desenho de cidade, é uma concepção de vida, traduzida, nas palavras de seu criador, por quatro escalas distintas:

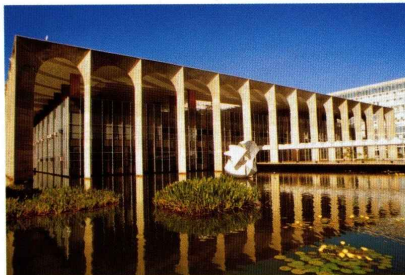
“a monumental, a gregária, a residencial e a bucólica, que simbolizam uma nova maneira de viver, própria de Brasília”.



monumental



Memorial JK



Palácio do Itamaraty



Supremo Tribunal Federal

A escala monumental

está configurada pelo Eixo Monumental, desde a Praça dos Três Poderes até a Rodoferroviária. O Eixo Monumental congrega os edifícios que abrigam a alma político-administrativa do País e do Governo local. Lá encontra-se o melhor da expressão arquitetônica moderna brasileira consubstanciada pelas obras de Oscar Niemeyer: os Palácios do Congresso Nacional, do Itamaraty, do Planalto,

da Justiça, o Panteão, os Ministérios, a Catedral, o Memorial JK, o Memorial dos Povos Indígenas, o Museu da República e a Biblioteca Nacional. É lá também que se encontra a Torre de TV, projetada por Lucio Costa para ser o ponto focal da cidade.

“A presença da escala monumental - não no sentido da ostentação, mas no sentido da expressão palpável, por assim dizer, consciente daquilo que vale e significa - conferiu à cidade nascente, desde seus primórdios, a marca inelutável de efetiva Capital do País.”

Catedral







Teatro Nacional

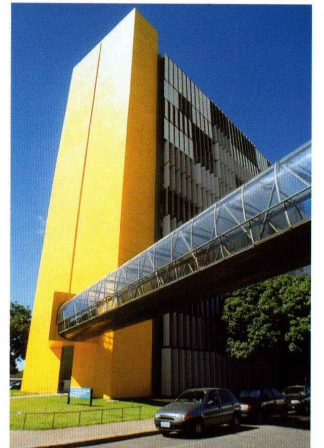
gregária

A *escala gregária* está representada por todos os setores de convergência da população (setores comercial, bancário, de diversões e cultura, hoteleiro, médico-hospitalar, de rádio e televisão etc.) e tem como marco central a Plataforma Rodoviária, traço da união da metrópole com as demais cidades do Distrito Federal e do entorno.

Setor Bancário Sul



Setor Hospitalar Sul

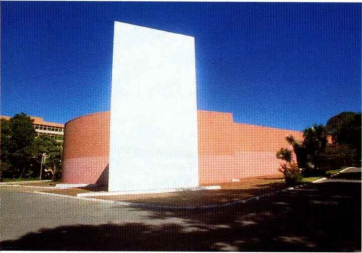


Setor Comercial Sul

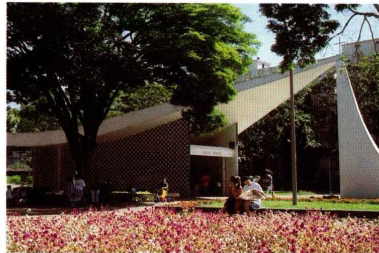




residencial



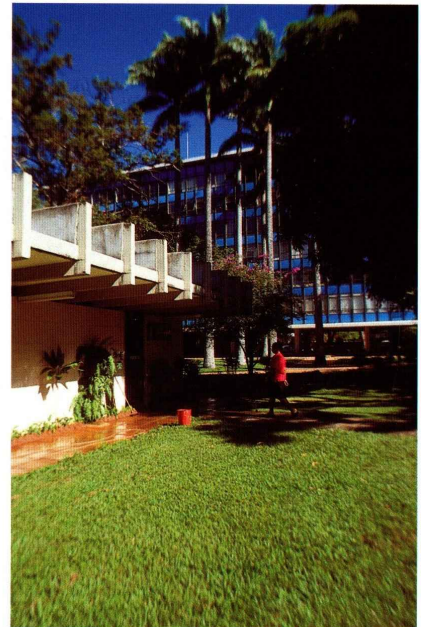
Cine Brasília



Igrejinha

A **escala residencial** derrama-se pelas superquadras das Asas Sul e Norte e traz um novo jeito de morar. Cada superquadra é formada por um conjunto de edifícios que apenas tocam o solo, suspensos que estão sobre pilotis (colunas que sustentam a edificação), o que permite que o chão seja livre e acessível em toda sua extensão. Há o predomínio do verde, por meio de gramados e de todo o tipo de vegetação. As alturas uniformes (de seis pavimentos, nas quadras 100, 200 e 300, e de três nas quadras 400) garantem a visibilidade de um vasto horizonte e a serenidade cotidiana: as crianças brincam à vontade ao alcance do chamado das mães. A superquadra também é provida de comércio local, escola, parque infantil e quadras de esporte.

A **unidade de vizinhança** faz parte dessa proposta revolucionária, concebida com a finalidade de fortalecer os laços comunitários. Formada por um conjunto de quatro superquadras, a unidade de vizinhança deve dispor de clube, cinema, teatro, igreja, comércio, biblioteca e demais equipamentos que favoreçam o encontro dos moradores.



Biblioteca da Super Quadra Sul 308





Super Quadra Sul 308

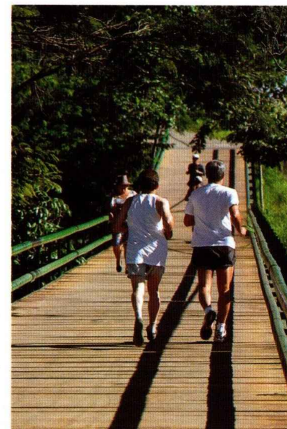
bucólica

A **escala bucólica** permeia as outras três, pois conforma-se por gramados, praças, jardins, áreas de lazer, orla do Lago Paranoá, todos os espaços, enfim, destinados ao deleite, ao descanso e ao devaneio, que dão o caráter de **cidade-parque** a Brasília e são responsáveis pelos altos índices de qualidade de vida da Capital. Por tal motivo, sua preservação é tão importante quanto a das demais escalas.

Parque da Cidade



Parque Olhos D'água



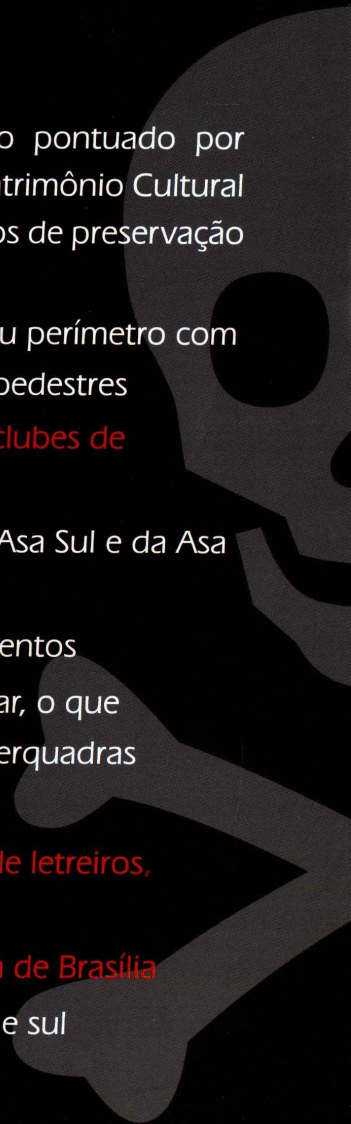


E assim, da interação dessas quatro escalas nasceu uma cidade que “sendo monumental, é também cômoda, eficiente, acolhedora e íntima. É, ao mesmo tempo, derramada e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional...”

agressões

O processo de crescimento de nossa cidade vem sendo pontuado por intervenções que ameaçam sua permanência na lista do Patrimônio Cultural das Nações. As agressões que mais desrespeitam os princípios de preservação do Plano Piloto são:

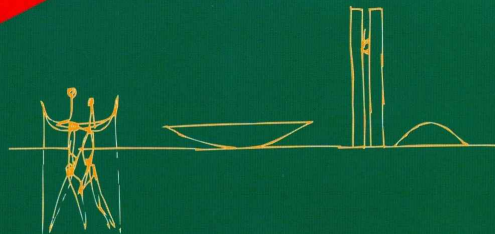
- **descaracterização dos pilotis**, mediante fechamento de seu perímetro com cercas ou outro tipo de empecilho à livre circulação dos pedestres
- **tentativas de alteração do uso dos lotes destinados para clubes de vizinhança**
- **invasão de área pública** nas quadras comerciais locais da Asa Sul e da Asa Norte
- **invasão de áreas verdes** para a construção de estacionamentos
- permissão de **construção de coberturas** sobre o sexto andar, o que configura a criação do sétimo andar nos edifícios das superquadras
- **desrespeito às normas de construção da avenida W3**
- poluição visual provocada pela **utilização indiscriminada de letreiros**, painéis, faixas de propaganda e placas luminosas
- construção de **obras que afrontam a arquitetura moderna de Brasília**
- **descaracterização das residências das quadras 700**, norte e sul
- **privatização da orla do Lago Paranoá**



É motivo de orgulho para ter nascido, viver, numa cidade ímpar e protegida por todas as

qualquer um estudar ou trabalhar como Brasília, celebrada Nações do Planeta.

A partir do momento que tomamos consciência da importância de preservar nossa Capital, passamos a ter responsabilidade por disseminar o que aprendemos para a nossa família, os nossos amigos, vizinhos, colegas de escola e de trabalho. Dividindo o nosso conhecimento sobre Brasília, estaremos multiplicando as forças para protegê-la.



Alguns personagens de

Lucio Costa

Arquiteto e urbanista brasileiro nascido na França. Um dos pioneiros da arquitetura moderna brasileira, foi o responsável pela vinda do arquiteto franco-suíço Le Corbusier ao nosso País, em 1936, tendo, nesse mesmo ano, participado da construção da sede do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro, edifício considerado um marco da modernidade. Em 1938 foi o 1º colocado no concurso para o Pavilhão do Brasil na Feira Internacional de Nova Iorque. Trabalhou no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Venceu, em 1957, o concurso para o Plano Piloto de Brasília. Em 1987 elaborou o documento Brasília Revisitada, no qual são traçadas diretrizes para a complementação da cidade. Dedicou sua vida à consagração da identidade nacional, nos vários campos do conhecimento.

Juscelino Kubitschek

Mineiro de Diamantina, formado em medicina. JK ocupou a prefeitura de Belo Horizonte na década de 40, construindo, na ocasião, a Pampulha, projeto de Oscar Niemeyer. Em seguida elegeu-se Deputado Federal. Participou da Assembleia Constituinte de 1946. Foi Governador de Minas Gerais. Eleito Presidente em 1956, contagiou a Nação com seu otimismo. Seu lema era fazer o Brasil crescer "50 anos em 5" e sua meta-síntese era a transferência da Capital para o Planalto Central. Seu mandato foi marcado pela construção de Brasília e pela estabilidade política.



Brasília

Israel Pinheiro

Mineiro de Caetés, formou-se engenheiro. Era filho de João Pinheiro, um dos governadores de Minas Gerais que defendia o deslocamento do eixo da vida brasileira no sentido oeste. Elegeu-se Deputado Federal e ocupou o cargo de Presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, a Novacap. Braço direito de JK, foi o grande construtor de Brasília e o homem forte que enfrentava com firmeza os que eram contra a transferência da sede do governo federal para o Planalto Central.



Oscar Niemeyer

É um dos maiores expoentes da arquitetura mundial, e tem obras construídas por todo o planeta (Paris, Milão, Turim, Alger, Tel Aviv, Nova Iorque, Caracas). Dizia Darcy Ribeiro que Oscar Niemeyer era o fato cultural mais importante que havia sucedido ao Brasil no século XX, comparando seu valor com o do escultor e arquiteto Aleijadinho para o século XVIII. É o arquiteto brasileiro que tem o maior número de projetos edificados no País. São de sua autoria os monumentos mais belos e arrojados de nossa Capital: a Catedral, o Memorial JK, o Panteão, e os Palácios da Alvorada, do Congresso Nacional, do Planalto, da Justiça, do Itamaraty, entre tantos outros. Niemeyer está ativo e produzindo. Uma de suas obras mais recentes, o Museu de Arte de Niterói, Rio de Janeiro, foi considerada uma das sete maravilhas da arquitetura moderna por um júri internacional de notáveis.

Bernardo Sayão

Engenheiro agrônomo carioca. Implantou, durante o Governo Vargas, a Colônia Agrícola Nacional no Estado de Goiás, onde depois nasceu a cidade de Ceres. Ocupou o cargo de vice-governador de Goiás. Foi convocado por Juscelino Kubitschek para ajudar na implantação da nova Capital e para construir uma estrada ligando Brasília a Belém do Pará. Era chamado por JK de “bandeirante moderno” por sua energia e dinamismo.



Roberto Burle Marx

Foi o grande paisagista da cidade. Da sua imaginação saíram os jardins do Palácio do Itamaraty, do Palácio do Jaburu, do Teatro Nacional, das superquadras 308 e 114 sul e o projeto paisagístico do Parque da Cidade, entre outros . Ao lhe perguntarem qual o segredo para combinar árvores, arbustos e flores em jardins tão especiais, costumava responder: “um jardim é feito de cores e sons – as plantas são coadjuvantes”. Foi um dos poucos paisagistas do mundo a merecer uma retrospectiva de sua obra no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque. Foi também um grande pintor.



Anísio Teixeira

Professor. Foi um dos inspiradores das escolas-classe, das escolas-parque e da Universidade de Brasília. Graças a Anísio, Darcy Ribeiro e outros importantes educadores, tivemos um modelo educacional de vanguarda no início dos anos 60, que servia de exemplo para todo o Brasil.

Lelé

João Filgueiras Lima, arquiteto, veio para Brasília em 1957 para fiscalizar as obras da primeira superquadra da cidade, a 108 sul. Mestre da construção pré-fabricada, é o criador de edifícios significativos para Brasília, como o Hospital Sarah Kubitschek.



Athos Bulcão

Artista plástico. Realizou dezenas de obras em Brasília, principalmente azulejos e relevos. Seus trabalhos mais marcantes são o painel em relevo das fachadas laterais do Teatro Nacional Cláudio Santoro; a porta de metal da capela do Palácio da Alvorada e os azulejos da Igreja Nossa Senhora de Fátima (EOS 307/308), do Salão Verde da Câmara dos Deputados, do Parque da Cidade, do Hospital Sarah e de inúmeros blocos de superquadras da Asa Sul. Radicou-se em Brasília em 1957.

Darcy Ribeiro

Professor e antropólogo apaixonado pelo povo brasileiro. Ajudou a criar o Parque Nacional do Xingu. Elaborou as diretrizes de educação para o governo de Juscelino Kubitschek, juntamente com o professor Anísio Teixeira e foi o criador e primeiro reitor da Universidade de Brasília.

Ernesto Silva

Médico carioca. Participou da Comissão de Localização da Nova Capital, instituída em 1954 pelo presidente Café Filho. Pisou pela primeira vez no Planalto Central em 1955 e participou da escolha do sítio onde seria construída Brasília. Com a eleição de JK, foi nomeado, junto com Israel Pinheiro, Bernardo Sayão e Oscar Niemeyer, para a diretoria da Companhia Urbanizadora da Nova Capital, a Novacap. Acelerou o processo de desapropriação de terras do Distrito Federal e lançou o edital do concurso para o traçado do Plano Piloto.



Imprimiram também
sua marca na Capital

Joaquim Cardozo,

engenheiro responsável pelo
cálculo estrutural das obras mais
arrojadas de Niemeyer;

Marianne Peretti, artista
dos vitrais da Catedral, do
Memorial JK e do Panteão da
Pátria;

Alfredo Volpi, pintor do
mural da Igrejinha (não mais
existente) e do mural "O Sonho de
Dom Bosco" no Palácio do
Itamaraty;

José Aparecido, governador
que se empenhou para a inclusão
de Brasília na Lista do Patrimônio
Mundial;

Ozanan Coelho, o
engenheiro agrônomo responsável
pela arborização de Brasília e por
nossos belos jardins;

Alfredo Ceschiatti, escultor
que fez "As Banhistas", no Palácio
da Alvorada, e "A Justiça", na Praça
dos Três Poderes;

Bruno Giorgi, escultor do
" Meteoro", no Palácio do Itamaraty
e dos "Candangos", na Praça dos
Três Poderes;

Alcides Rocha Miranda,
arquiteto que trouxe o Serviço do
Patrimônio Histórico e Artístico
Nacional (atual IPHAN) para a
Capital e teve importante papel
nos primórdios da Universidade de
Brasília;

Di Cavalcanti, autor do
mural localizado no Salão Verde da
Câmara dos Deputados

e muitos outros
personagens...



Você
também é um
personagem
importante
para Brasília.
Cole aqui o
seu retrato e
conte sua
história de
amor pela
cidade.

O Patrimônio é nosso

Ceilândia, Samambaia, Taguatinga,
Gama, Plano Piloto, Guará,
Sobradinho, Planaltina, Brazlândia,
Santa Maria, São Sebastião,
Paranoá, Lago Norte, Lago Sul,
Riacho Fundo, Recanto das Emas,
Núcleo Bandeirante,
Candangolândia, Cruzeiro, áreas
rurais...

Delimitação da área tombada

Todos nós fazemos parte do sonho chamado

Turismo Cívico

Criado por Rodrigo Rollemberg, quando era secretário de Turismo, Lazer e Juventude do DF, o Turismo Cívico é um programa que alia a atividade turística com educação, cultura e cidadania e permite que os brasileiros e os estrangeiros de todas as idades conheçam e compreendam o nosso patrimônio histórico e ambiental.

Depois que o Turismo Cívico se consolidou, a capital do País passou a atrair milhares de turistas. Senado, Câmara Federal, Supremo Tribunal Federal, Palácio do Planalto e Itamaraty, por exemplo, abriram suas portas ao povo aos fins de semana.

Desde então, estima-se que mais de 1 milhão de pessoas passaram pelas sedes dos Três Poderes da República. No coração do poder, os visitantes têm a oportunidade de conhecer de perto os monumentos e prédios públicos onde são tomadas as decisões mais importantes para o destino do país.

O Turismo Cívico é uma vocação da cidade. Conhecer os poderes da República, como atuam e como influenciam a vida das pessoas, é um direito dos brasileiros e dos que visitam nosso País e serve para consolidar em todos nós a noção de que a democracia é o bem mais valioso de uma nação.



Rodrigo Rollemberg

Brasília

Informações úteis

Bibliografia

Fonte das imagens e citações

Agradecimentos

Informações úteis

Órgãos responsáveis pela proteção e divulgação do patrimônio histórico e artístico

A Constituição Federal diz que é obrigação do Poder Público e de toda a comunidade a promoção e a proteção do patrimônio cultural e natural brasileiro. Mas existem alguns órgãos destinados especialmente para esse fim.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional IPHAN - Ministério da Cultura

Foi criado em 1937 por Gustavo Capanema, Ministro da Educação de Getúlio Vargas. É a mais antiga entidade oficial de preservação dos bens culturais e naturais na América Latina. Participaram da equipe de direção do IPHAN grandes nomes como Rodrigo Melo Franco de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, e o nosso Lucio Costa, entre outros intelectuais e artistas de expressão.

Brasília conta atualmente com uma Gerência Executiva no âmbito do IPHAN.

Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico do DF DEPHA - Secretaria da Cultura do GDF

Na atual estrutura administrativa, o DEPHA, que já foi o único órgão destinado à preservação do Patrimônio Cultural do Distrito Federal, é responsável por pesquisas, pela divulgação, pela educação e pelo acervo relacionados ao tema.

Gerência de Desenvolvimento da Área Central GEDAL/ SUPLAN – Subsecretaria de Planejamento Urbano, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente – SEDUMA

Este órgão destina-se a analisar e aprovar projetos e intervenções na área tombada.

Legislação básica para pesquisa

Constituição da República Federativa do Brasil art. 23, incisos III e IV; art. 30, inciso IX; art. 216.

Lei Orgânica do Distrito Federal art. 247, § 2º; art. 295; art. 312, inciso VI; art. 314, inciso IV.

Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 “Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional”.

Lei nº 3.751, de 13 de abril de 1960 “Dispõe sobre a organização administrativa do Distrito Federal”.

Decreto do Distrito Federal nº 10.829, de 14 de outubro de 1987 (“Decreto da Preservação”) “Regulamenta o art. 38 da Lei nº 3.751, de 13 de abril de 1960, no que se refere à preservação da concepção urbanística de Brasília”.

Decreto do Distrito Federal nº 11.079, de 21 de abril de 1988 “dispõe sobre o tombamento do conjunto da Vila Planalto e dá outras providências”.

Portaria do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural nº 314, de 8 de outubro de 1992 “aprova definições e critérios para efeito de proteção do Conjunto Urbanístico de Brasília”.

Lei Complementar nº 17, de 28 de janeiro de 1997 (Plano Diretor de Ordenamento Territorial do Distrito Federal) art. 5º, inciso VII.

Bibliografia

- ÁVILA, Cristina. Era para ser tudo assim. Correio Braziliense, Brasília, 12 de abril. 2000. Caderno Cidades, p. 4.
- BRAGA, Andréa da Costa, FALCÃO, Fernando. Guia de Urbanismo, Arquitetura e Arte de Brasília. Brasília: Fundação Athos Bulcão, 1997.
- BRASÍLIA, 40 ANOS. Correio Braziliense, Brasília, 21 de abril. 2000.
- CAVALCANTE, Sílvio. Brasília, densidade urbana e qualidade de vida - depoimento candango. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.
- CORRÊA, Marcos Sá. As formas que saltam da areia. Veja, Rio de Janeiro, 12 de julho. 1995.
- COSTA, Lucio. Brasília, cidade que inventei. Relatório do Plano Piloto de Brasília. Brasília: Governo do Distrito Federal, 1991.
- _____. Brasília Revisitada. Brasília: Governo do Distrito Federal, 1987.
- _____. Lucio Costa: registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- CRULS, Luiz. Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil. Brasília: Codeplan, 1992.
- FREITAS, Conceição. A mais bela tradução. Correio Braziliense, Brasília, 17 de março. 2000. Caderno Cidades, p. 4 5.
- FROTA, Lélia Coelho. Alcides Rocha Miranda: caminho de um arquiteto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.
- GUIARQUITETURA BRASÍLIA. São Paulo: Empresa das Artes. Editora Abril, 2000.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras, GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriane Queiróz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.
- JOÃO FILGUEIRAS LIMA, LELÉ. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi; Lisboa: Editorial Blau, 1999.
- KUBITSCHKE, Juscelino. Por que construí Brasília. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975.
- LUIGI, Gilbert. Oscar Niemeyer - une esthétique de la fluidité. Marseille, France: Editions Parenthèses, 1987.
- MACIEL, Nahima, VARELLA, José. Athos Bulcão. Correio Braziliense, Brasília, 13 de fevereiro. 2001. Coisas da Vida, p. 1, 4 5.
- MELO NETO, João Cabral de. Museu de Tudo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- NIEMEYER, Oscar. Meu sócia e eu. Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- _____. Brasília, o que fazer? Correio Braziliense, Brasília, 4 de maio. 1999. Caderno Cidades, p. 3.
- O RELATÓRIO TÉCNICO SOBRE A NOVA CAPITAL DA REPÚBLICA: RELATÓRIO BELCHER. Brasília: Codeplan, 1995.
- PATRIMÔNIO MUNDIAL NO BRASIL. Brasília: UNESCO, Caixa Econômica Federal, 2000.
- PROTEÇÃO E REVITALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NO BRASIL: UMA TRAJETÓRIA. Brasília: MEC, SPHAN, próMemória, 1980.
- RÓNAI, Paulo. Dicionário Universal de Citações. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.
- SHAKESPEARE de A a Z: livro das citações / William Shakespeare; seleção de Sérgio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- TELLES, Augusto C. da Silva. Brasília, Patrimônio Cultural. Revista Brasília, Brasília, abril, maio, junho, 1988. Número 83, p.24 25.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo. A questão da capital: marítima ou no interior? Brasília: Thesaurus Editora, 1978.
- VASCONCELOS, Adirson. Memorial Juscelino Kubitschek. Brasília. União Editora, 1998.
- _____. Os Pioneiros da Construção de Brasília. Brasília, União Editora, 1998.
- VASQUES, Claudia Marina, VALIO, Walter Vilhena. Para Preservar. Brasília: MINC IPHAN. 14ª Coordenação Regional/DF, 1995.

Fontes das imagens e citações

Capa

Letícia Brasileiro, desenho de Oscar Niemeyer.

Segunda e Terceira Capas

Athos Bulcão.

Página 2

Computação gráfica: José Bonifácio, Eduardo Sá, óleo sobre tela, 1823; Marquês de Pombal, L. H. van Loo, Portugal, óleo sobre tela, s. d.; Resposta de Tiradentes à leitura da sentença que comutou a pena dos inconfidentes, Leopoldino Faria, pintura, s. d., Cinquentenário do CNPq: notícias sobre a pesquisa no Brasil. Brasília, CNPq, 2001.

Página 3

Marquês de Pombal, L. H. van Loo, Portugal, óleo sobre tela, s. d., Cinquentenário do CNPq: notícias sobre a pesquisa no Brasil. Brasília, CNPq, 2001; Tiradentes, Autran, Vila Militar, Rio de Janeiro; José Bonifácio, World Wide Web. Páginas 4 e 5

Imagem de Dom Bosco, World Wide Web; computação gráfica: fotos do fundo, Rui Faquini; foto da Missão Cruis, Arquivo Público do Distrito Federal; foto de Luiz Cruis, Observatório Nacional.

Página 6

Foto da Pedra Fundamental, Arquivo Público do Distrito Federal; imagem de Epitácio Pessoa, World Wide Web.

Página 7

Computação gráfica: foto do fundo, Maylena Clécia; foto de JK, Arquivo DEPHA.

Página 8

Computação gráfica: desenho do Plano Piloto, Lucio Costa; foto de Niemeyer, Israel, Lucio e JK, Arquivo Público do Distrito Federal.

Páginas 10 e 11

Computação gráfica: fotografia de JK, M. M. Fontenelle, Arquivo Público do Distrito Federal; fotografia do Catetinho, Jesco von Puttkamer, Brasília sob o olhar de Jesco. Goiânia: Editora UCG, Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2000; fotografias dos candangos, Arquivo Público do Distrito Federal.

Página 11

Fotografia dos operários na superquadra, Jesco von Puttkamer, Brasília sob o olhar de Jesco. Goiânia: Editora UCG, Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2000; fotografia dos operários com ferramentas, M. M. Fontenelle, Arquivo Público do Distrito Federal.

Páginas 12 e 13

Computação gráfica: foto do operário, Jesco von Puttkamer, Brasília sob o olhar de Jesco. Goiânia: Editora UCG, Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2000; fotos do Congresso em construção, da Esplanada dos Ministérios e da Catedral, Arquivo Público do Distrito Federal.

Página 13

Fotografia do Congresso em construção, Arquivo Público do Distrito Federal; fotografia dos operários descendo a rampa, M. M. Fontenelle, Arquivo Público do Distrito Federal.

Páginas 14 e 15

Computação gráfica: fotos de JK, dos aviões, do Palácio do Planalto e da

inauguração, Jesco von Puttkamer, Brasília sob o olhar de Jesco. Goiânia: Editora UCG, Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2000.

Páginas 16 e 17

Computação gráfica: desenhos, Oscar Niemeyer; painel, Athos Bulcão; foto das cúpulas do Congresso, Maylena Clécia.

Página 18

Computação gráfica: fotos de Paris, Veneza e Ouro Preto, World Wide Web; foto da Cidade de Goiás, Maylena Clécia.

Página 19

Foto do Congresso e da Esplanada dos Ministérios, Rui Faquini.

Página 21

Foto aérea do Plano Piloto, Maylena Clécia.

Página 22

Fotos do Memorial JK, Itamaraty, Supremo Tribunal Federal e Catedral, Maylena Clécia; citação de Lucio Costa.

Página 23

Foto aérea do Eixo Monumental, Breno Fortes/CB/D.A Press.

Página 24

Fotos do Setor Comercial Sul, Teatro Nacional, Setor Bancário Sul e Hospital Sarah Kubitschek, Maylena Clécia.

Página 25

Foto aérea da Rodoviária e da Asa Sul, Maylena Clécia.

Página 26

Fotos do Cine Brasília, Igreja e Biblioteca, Maylena Clécia.

Página 27

Foto aérea de unidade de vizinhança, Maylena Clécia.

Página 28

Fotos SQS 308 e Parque da Cidade, Danilo Mello; foto do Parque Olhos D'Água, Maylena Clécia.

Página 29

Foto da orla do Lago Paranoá, Danilo Mello; citação de Lucio Costa.

Página 31

Desenhos dos Candangos e do Congresso, Oscar Niemeyer.

Página 32

Foto de Lucio Costa; Arquivo Público do Distrito Federal; foto de JK, Jesco von Puttkamer, Brasília sob o olhar de Jesco. Goiânia: Editora UCG, Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2000.

Página 33

Fotos de Israel Pinheiro e de Oscar Niemeyer, Arquivo Público do Distrito Federal.

Página 34

Foto de Bernardo Sayão, Arquivo Público do Distrito Federal; fotos de Burle Marx e Anísio Teixeira, World Wide Web.

Página 35

Foto de Lelé, Athos Bulcão, Darcy Ribeiro e Ernesto Silva, World Wide Web.

Página 36

Fotos de Joaquim Cardozo, Marianne Peretti, Volpi e José Aparecido, World Wide Web.

Página 38

Mapa da área tombada, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Página 39

Foto de Rodrigo Rollemberg, Maylena Clécia; foto do Expresso PSB, Danilo Mello.

Agradecimentos

Arquivo Público do Distrito Federal; Assessoria Legislativa da Câmara Legislativa do Distrito Federal; Biblioteca da Câmara Legislativa do Distrito Federal; Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal; Fundação Assis Chateaubriand; Fundação Oscar Niemeyer; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Universidade Católica de Goiás; Arina Ribeiro de Carvalho Figueiredo; Andréa Fontenele; Armando Leite Rollemberg; Belmira Finageiv; Bernardo Luiz Carvalho; Bey Aires; Carla Coelho de Andrade; Cida Viana; Dadah Bueno; Didiêr Max Nogueira; Fátima Cisneiros; Gilbert Luigi; Haroldo Pinheiro; Heloísa Doyle; Jônatas Barreto; Jorge Ricardo Fonseca; Kátia Kapich; João Dino dos Santos; Liliane Cardoso de Souza; Luiz de Figueiredo; Marcelo Baiocchi; Márcia Barreto; Márcia Rollemberg; Maria Amélia Von Haidyn; Maria de Lourdes Parreiras Horta; Maria Elisa Costa; Neusa Cavalcante; Paulo Bueno; Rosana Lobo; Sandra Soares de Mello; Sívio Cavalcante; Ozanan Coelho; Rui Faquini; Sônia Almeida; Sônia Baiocchi; Teresa Rollemberg; Toni Cutolo; Vera Catalão; Yara Magalhães; Yara Regina de Oliveira; Yeda Virgínia Barbosa.

Realização Deputado Rodrigo Rollemberg
Coordenação Geral Link Design
Pesquisa Histórica e Texto Luisa Villa-Verde
Pesquisa Iconográfica Luisa Villa-Verde
Maylena Clécia
Projeto Gráfico Leticia Brasileiro
Maylena Clécia
Computação Gráfica Leticia Brasileiro
Fotografia Danilo Mello
Jesco von Puttkamer
Mário Fontenelle
Maylena Clécia
Rui Faquini
Identificação de Imagens Luisa Villa-Verde
Maylena Clécia
Produção Gráfica Link Design
Acervo de Imagens Arquivo Público do Distrito Federal, Diretoria do Patrimônio
Histórico e Artístico do Distrito Federal, Instituto do Patrimônio
Histórico e Artístico Nacional, Link Design, Observatório
Nacional, Universidade Católica de Goiás, World Wide Web

3ª Edição

Brasília, 2009

Rodrigo Rollemberg

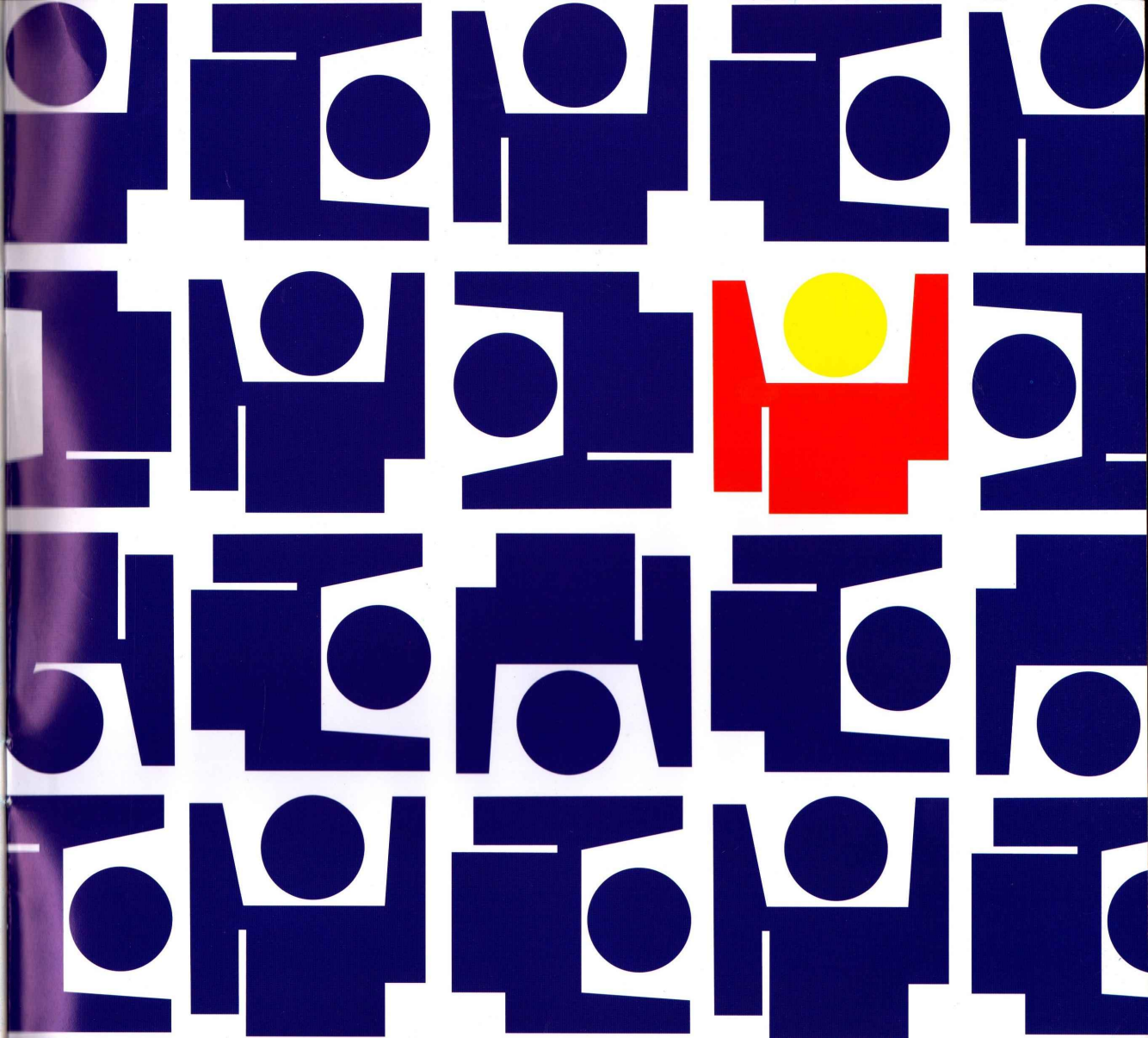
Câmara dos Deputados

Anexo 4, Gabinete 662 CEP 70160-900 Brasília DF Brasil Telefone (61) 3215-5662
Escritório Político SCLN 303, bloco C sala 102/103 CEP 70735-530 Brasília DF Brasil Telefone (61) 3326-1596
Emails: rodrigo@rollemberg.com.br dep.rodrigorollemberg@camara.gov.br
www.rollemberg.com.br



Partido Socialista Brasileiro-PSB

SCLN 304, bloco A, sobreloja 1, entrada A 63
CEP 70736-510 Brasília DF Brasil
Telefone (61) 3327-6405



Rodrigo Rollemberg

www.rollemberg.com.br

